

BEVILAQUA, Ciméa B.; VANDER VELDEN, Felipe (org.). 2016.
Parentes, vítimas, sujeitos: perspectivas antropológicas
sobre relações entre humanos e animais.
Curitiba: Ed. UFPR; São Carlos, SP: EdUFSCar.

José Cândido Lopes Ferreira
Doutorando pela Universidade Estadual de Campinas
josecandido02@gmail.com

Resultado de um encontro interespecífico, intraespecífico, interdisciplinar, multitemático, o livro *Parentes, vítimas, sujeitos: perspectivas antropológicas sobre relações entre humanos e animais* conjuga trabalhos apresentados no Grupo de Trabalho 5 – *Animais e humanos em contextos urbanos e rurais: novas perspectivas sobre relações interespecíficas*, na 28ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada em São Paulo no ano de 2012. Ciméa Barbato Bevilaqua e Felipe Vander Velden, antropóloga e antropólogo empenhados em investigações sobre o tema, são os responsáveis pela organização da publicação.

Na história da antropologia, os animais figuraram como parte do cenário da humanidade, como signos e objetos que ajudavam a pensar as relações humanas. Eles estão presentes com maior recorrência nos estudos etnológicos, junto a povos indígenas amazônicos. Não por acaso, a etnologia ameríndia é o campo de onde emergiram duas das mais impactantes referências teóricas acerca das interações entre humanos e não humanos, o animismo de Philippe Descola e o perspectivismo de Eduardo Viveiros de Castro e Tânia Stolze Lima.

O interesse de antropólogos por pesquisas sobre relações humano-animal, em ambientes urbanos e rurais como um tema particular, começou a ganhar espaço recentemente. É importante lembrar das contribuições da professora Nádia Farage, na constituição de uma linha de investigação acerca de relações interespecíficas e suas

implicações políticas. Em países europeus e da América do Norte, há um campo de pesquisas interdisciplinares já consolidado denominado *animal studies* (estudos animais). Na antropologia brasileira, de outra forma, os animais vêm sendo mobilizados como tema de pesquisa no interior de subáreas, como antropologia da ciência, antropologia ambiental, antropologia urbana. Os capítulos desta coletânea refletem essa variedade.

A convivência de humanos e animais é o tema que perpassa o livro, a começar pela capa, que não é trivial. Uma fotografia, de autoria de Pedro Stoeckli, mostra búfalos, cavalos e homens, que interagem na paisagem alagada das várzeas do rio Araguari (Amapá). Em seu trabalho, Stoeckli aborda os modos de engajamento entre búfalos e vaqueiros¹. A domesticação, no âmbito dessa pecuária, é um processo contínuo de amansamento e familiarização de búfalos e humanos.

O tema da domesticação tem notável influência sobre os estudos que compõem *Parentes, vítimas e sujeitos*. Jean-Pierre Digard, citado por Ivana Teixeira, argumenta que a domesticação é o modo de relação entre humanos e animais não humanos no Ocidente (: 104), que não acontece de forma unívoca. Sistemas de domesticação (: 104) se desenvolvem de diferentes maneiras em diferentes contextos. As espécies envolvidas, os ambientes em que os engajamentos têm lugar, as configurações culturais humanas (e não humanas) resultam em vínculos peculiares. As colaboradoras e colaboradores da coletânea apresentam variações desses sistemas, por mais que suas motivações etnográficas visem esse tema. Pretendo pensar, junto com os autores, sobre essas relações.

O livro está dividido em cinco partes, agrupando os capítulos por afinidades temáticas. A primeira parte, intitulada “Domesticidades, parentescos, genealogias”, reúne textos que descrevem situações nas quais as vinculações entre humanos e animais não humanos segue uma lógica de parentesco. Andréa Osório escreve sobre gatos *resgatados* das ruas do Rio de Janeiro por um grupo de proteção a felinos. Esses animais de estimação *abandonados* são vulneráveis e, segundo seus protetores, eles precisam de uma *família*. São *bebês* a serem *adotados* por *mães* e *pais*. A autora fala em parentesco metafórico (: 71), uma condição especial de inclusão dos gatos no ambiente doméstico, caracterizada por tratos e expressões de afeto e infantilização. Os gatos-crianças ganham nome próprio, têm gosto e personalidade. São agregados à *família* e requerem atenção de seus parentes.

Famílias humanas e zebuínas compartilham de prestígio no contexto da pecuária de gado de elite. O *pedigree* de um touro reprodutor é atestado por sua genealogia. O renome de um pecuarista também é legitimado por seus ascendentes. Natacha Leal acompanha o circuito do gado zebu, centralizado no Triângulo Mineiro, e analisa como os vínculos

1 Conferir Pedro Stoeckli (2017).

entre criadores e bovinos produzem valor. *Zebuzeiros* têm vocação para planejar cruzas e obter reses com boas qualidades. Touros e vacas são valorizados em campeonatos, diante de investidores e outros pecuaristas. O valor monetário e moral compartilhado por boi e pecuarista é alimentado pelo desempenho conjunto no mercado de elite. A linguagem da genealogia orienta a perpetuação genética e moral de famílias humanas e bovinas.

O *pedigree* é enaltecido também nos concursos de beleza canina. Ivana Teixeira entrou no universo da cinofilia (criação de cães de raça pura), em Porto Alegre. Mostra que criadores não medem esforços para defender a *beleza* de seus cães nas competições. A cinofilia envolve grande investimento financeiro (: 113). Também é marcada por sentimentos de afeto e intimidade entre cães e seus donos. Criadores reconhecem nos cães verdadeiros companheiros, carinhosos e inteligentes (: 115). Laços pessoais e econômicos coexistem e se sustentam, sem contradições.

A predação é outra forma de relação entre humanos e animais. “Produzir a vida e administrar a morte” é a seção que agrupa estudos sobre sistemas de produção que transformam “corpos animais em comida” (: 136). Mecanismos atenuantes do sofrimento humano diante da morte do animal não humano são empregados, em alguns casos. Mais que uma grande forma de violência, há nuances que particularizam relações nesses processos.

A produção industrial de carne atende às demandas de mercados nacional e internacional. Caetano Sordi reflete sobre mudanças técnicas no *sistema-carne* brasileiro visando o *bem-estar* do gado. Um boi oscila de sujeito que sente a carcaça que se come. O *manejo racional* é o conjunto de técnicas que garantem ao boi condições adequadas de vida e morte, segundo as modernas ciências animais. Nesse processo, o *bem-estar* é medido em níveis bioquímicos e comportamentais. Os mecanismos atenuantes do sofrimento animal operam também como mitigadores do incômodo humano na esfera política da morte.

Annelise Fernandez, Dean Berck e Rogério de Oliveira descrevem a caça praticada por moradores dos arredores da floresta da Pedra Branca, no Rio de Janeiro. Hoje regulada por uma unidade de conservação, essa paisagem já foi o terreno de caçadores e agricultores. Técnicas e habilidades apropriadas às presas e ao território são parte do persistente repertório de conhecimentos dos caçadores. Atitudes de respeito aos animais e ao *Capitão da mata*, entidade sobrenatural que protege a floresta e seus habitantes, são características da relação entre esses caçadores e os seres da floresta. A caça não é simplesmente uma forma de apresamento de animais silvestres. É parte de um conjunto de concepções sociais próprias de um sistema moral, que reconhece agência nos seres não humanos.

No Seridó potiguar, a criação de porcos em chiqueiros domésticos enseja laços afetivos entre humanos e suínos. Maria Isabel Dantas descreve o processo de despersonalização necessária para um porco virar chouriço. O abate é realizado fora do espaço doméstico, por pessoas que não são parentes dos criadores. A insensibilização e sangria do porco são etapas que tornam a morte indolor para o porco e minimizam os sentimentos adversos dos humanos. Esse processo permite que a carne e o sangue do suíno sejam feitos alimento para as pessoas que o criaram. Há aí dois movimentos: cuidado-personificação/despersonalização-predação.

Fabíola Pereira, Flávia Rieth e Marília Kosby explicitam aspectos da vida de peões e gado nos Pampas gaúchos. A *lida campeira* é o conjunto de atividades relacionadas ao pastoreio de rebanhos. Esse modo de vida típico dessa paisagem passa por modificações. A *lida tradicional*, caracterizada como bruta e difícil, é substituída por modelos *racionais*, voltados para o controle e dinamização da produção, de acordo com exigências de mercado. As técnicas de doma de cavalos expressam essa dicotomia: a *doma gaúcha*, tradicional, emprega a força para sujeitar o animal, já a *doma racional* emprega técnicas de “gentileza”. O mercado amansa a *lida campeira*.

Os textos da terceira parte, “Modos de comer, formas de existir”, abordam éticas e dietéticas humanas e animais. O mercado de alimentos é hegemônico e dita as escolhas alimentares. Animais de estimação (*pets*) têm problemas de saúde por comerem rações de baixa qualidade (: 254). Movimentos opositores propõem o abandono de alimentos ultraprocessados. A alimentação é uma questão política transespecífica (: 239).

Mayra Ferrigno é etnógrafa de manifestações em defesa de direitos animais. Os protestos que acompanhou tiveram como objetivo defender a condição dos animais não humanos como sujeitos de direito. Essa reivindicação é pautada na ideia de igualdade: humanos e animais são feitos de carne e sangue, e ambos são passíveis de sofrimento. A crítica maior dos movimentos é dirigida ao modo de produção capitalista (humano), que explora vidas animais (não humanos), lhes causando sofrimento. Eles reivindicam que os humanos abandonem hábitos carnívoros e adotem dietas veganas. Esse seria o caminho para *libertar os animais* (: 213).

Da alimentação humana para a alimentação animal. Bernardo Lewgoy analisa dietas alternativas para animais de estimação. Opositores à indústria de rações defendem alimentação natural para cães e gatos. Decorrem daí discussões nutricionais e morais, entre defensores de dietas onívoras, carnívoras e veganas. As escolhas alimentares estão associadas a diferentes entendimentos sobre a evolução dessas espécies e também a perspectivas morais, estendidas aos animais de estimação. Os debates sobre escolhas

alimentares colocam questões que transpõem os limites das espécies e criticam a hegemonia da grande indústria de alimentos.

Jean Segata faz etnografia em uma clínica veterinária e pergunta pelos custos da humanização de animais de estimação. Donos de *pets* investem em um estilo de vida com roupas, cosméticos e novos hábitos alimentares para cães e gatos. Os animais de estimação, por sua vez, sofrem os efeitos perversos desse estilo de vida. Compartilham dos problemas de saúde próprios dos humanos: depressão, doenças renais, gástricas. Diante disto, alguns donos não hesitam em descartá-los, quando deixam de ser estimados e tornam-se incômodos. A relação entre humanos e animais não humanos tem custos diferentes para cada um. Porém, nesse caso, os humanos ainda têm o poder de transformar animais em coisas e desprezá-los. O abandono de humanos, a princípio, só existe nos limites das relações intraespecíficas.

Na seção quatro (“Entre espécies”) as etnografias cobrem eventos e espaços em que os encontros entre humanos e outros animais produzem efeitos inesperados. Zoológicos são lugares privilegiados para esses encontros. Guilherme Sá recupera uma disputa eleitoral entre chimpanzés, promovida pelo Zoológico do Rio de Janeiro. O pleito era para decidir quem seria o novo mascote do zoológico. Forte aparato midiático e eleitoral foi mobilizado para a disputa. A situação desestabilizou as posições esperadas para humanos e chimpanzés. Os não humanos ensinaram os humanos a votar (: 273). O que está em jogo aqui são os chimpanzés no centro do sistema eleitoral e a mobilização de não chimpanzés para elegê-los. A política, uma qualidade dos animais humanos, é estendida aos outros animais.

Pelos caminhos do Jardim Botânico de Belém, Flávio Silveira relata o convívio de humanos e outros animais em meio à cidade. Encontros ecológicos interespecíficos criam nichos no ambiente urbano amazônico. Marcos Carvalho observa a convivência de humanos e animais não humanos em outro ambiente: o laboratório. Segue trajetórias de cientistas e suas cobaias, para mostrar que a experimentação animal não é uma prática uniforme. Há pesquisadores que abandonaram experimentos por reconhecerem nas cobaias seres que sentem dor. Outros as utilizam em seus experimentos, mas têm dificuldades para sacrificá-las, como manda o protocolo bioético. Ratos interferem nos resultados dos experimentos quando fogem, mordem, ou estão estressados. O dia a dia nos laboratórios são repletos de subjetivações e sentimentos. Cobaias não humanas criam questões não previstas, com as quais os cientistas humanos devem lidar em suas pesquisas.

“Carisma e inimizade” são os temas da última parte do livro. Sujeitos não humanos oscilam entre carismáticos e inimigos para os humanos. Instituições, que operam segundo

pressupostos e categorias próprias, regulam as interações entre espécies.

Eliana Creado, Clara Torres e Pedro Freitas justapõem contextos brasileiro e sul-africano de conservação da natureza. Duas espécies bandeiras, tartarugas e elefantes, são alvo dessas políticas. As tartarugas são tomadas por biólogos como parte de um ecossistema marinho-costeiro e sua conservação se desdobra na proteção da biodiversidade local. As estratégias de conservação de elefantes sul-africanos estão voltadas para a espécie. Esses grandes animais ora são espécies carismáticas, ora destruidores de propriedades rurais. Diferentes contextos nacionais e científicos geraram instituições com perspectivas diversas sobre a conservação de espécies animais.

Ciméa Bevilaqua traz outro cenário internacional ao estudar como dois sistemas judiciários lidam com cães acusados de agredir seres humanos. Em termos jurídicos, cães são *coisas* pertencentes a *pessoas*. A antropóloga analisa os arranjos práticos feitos pelos juízes para elaborar os julgamentos. Nos casos brasileiros, os cães têm existência secundária em relação às *pessoas* envolvidas. No caso inglês, humano e cão têm suas ações analisadas, sendo que o cão ganha mais atenção no momento de definir as razões de seu ataque. Sistemas jurídicos operam mundos próprios. As mordidas de cães têm efeitos diferentes em mundos diferentes.

Encerrando a coletânea, Felipe Vander Velden escreve sobre a indesejada companhia que mosquitos fazem aos humanos. Diferentes teorias sobre a transmissão da malária são ouvidas nas aldeias karitiana. Segundo eles, a doença é transmitida pelo ar, especialmente pelas fumaças pestilentas dos brancos. Já para a epidemiologia, os *carapanãs* são os vetores da malária. Ações de combate aos mosquitos intervêm nas aldeias pelos órgãos de saúde. O antropólogo chama atenção para a “homologia nas formas de vigilância” (: 424) empregadas sobre comunidades humanas e não humanas. As ações de controle sobre essas comunidades têm lugar após a desestruturação das relações ecológicas. Os mosquitos, feitos inimigos, transmissores de doença, foram trazidos pelos brancos. Os Karitiana, ao contrário, já os tinham como seus inimigos (*Ndakryjda*) (: 415). É equivocado pensar que comunidades interespecíficas sejam organizadas por uma única política. A convivência entre Karitianas e *carapanãs* se dá por outras formas, diferentes do modelo sanitário de erradicação de pragas.

Os capítulos apresentam sistemas de relações entre humanos e animais não humanos bastante particulares, que operam por laços familiares, que se transformam em formas de predação, valores morais e monetários, sentimentos de afeto e inimizade. As espécies companheiras (Haraway, 2003) participam intencionalmente das questões humanas e humanos colaboram com os interesses de animais não humanos. Os sistemas

de domesticação têm contornos contextuais, são moldados pela maior ou menor distância entre os animais humanos e não humanos. A importância da coletânea está na diversidade de contextos etnográficos, no aporte de vasta referência bibliográfica sobre relações interespecíficas. Soma-se aos vários dossiês temáticos publicados desde 2012 em revistas brasileiras de antropologia. É notável a participação de pesquisadores de diversas regiões e instituições. Essas experiências etnográficas têm muito a contribuir com as percepções e sensibilidades de pesquisadores humanos sobre animais não humanos, não se restringindo às reflexões antropológicas. Relações interespecíficas são formas que se multiplicam. Precisamos descrevê-las e compreendê-las.

Referências

HARAWAY, Donna. 2003. *The companion species manifesto: dogs, people, and significant otherness*. Chicago: Prickly Paradigm Press.

STOECKLI, Pedro. 2017. "A *brutidade* entre vaqueiros e búfalos no baixo Araguari – Amapá". *Horizontes Antropológicos*, volume 23, pp. 171-196.

Recebido em 10 de junho de 2018.

Aceito em 03 de setembro de 2018.